

O LUGAR ATRIBUÍDO À MULHER NA SOCIEDADE DE CLASSES

THE PLACE ATTRIBUTED TO WOMEN IN CLASS SOCIETY

Viviane Rosa da Silva 1
Keides Batista Vicente 2

Resumo: Apresenta-se neste artigo discussões sobre o lugar atribuído à mulher na sociedade de classe. A realização do estudo em questão tem como referência as análises teóricas de Beauvoir e Federici calcadas no materialismo histórico. Assim em um primeiro momento apresenta-se as considerações da filósofa Simone de Beauvoir e sua ênfase sobre a opressão do homem sobre a mulher a partir do surgimento do capitalismo e da propriedade privada. Na sequência, com base nos estudos de Silvia Federici, apresenta-se a condição da mulher no mundo do trabalho assalariado, visto que, como isso não a libertou da opressão, pelo contrário a sobrecarregou com uma jornada dupla de trabalho, em casa e fora dela. Por fim, através dos dados do DIEESE e da Oxfam é possível compreender as condições das mulheres no mundo do trabalho.

Palavras-chave: Mulher. Trabalho. Sociedade de classes.

Abstract: This article presents discussions about the place attributed to women in class society. The study in question is based on the theoretical analyzes of Beauvoir and Federici based on historical materialism. Firstly, we present the considerations of the philosopher Simone de Beauvoir and her emphasis on the oppression of men over women from the emergence of capitalism and private property. Next, based on studies by Silvia Federici, the condition of women in the world of salaried work is presented, given that, as this did not free them from oppression, on the contrary, it burdened them with a double working day, at home and away. her. Finally, through data from DIEESE and Oxfam it is possible to understand the conditions of women in the world of work.

Keywords: Woman. Work. Class Society.

- 1 Mestranda em Educação no PPGE-UEG/Inhumas, com bolsa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior -Brasil (CAPES) e membra do Grupo de Estudo e Pesquisa em Políticas Educacionais da Unidade (Gepepe | UnU Inhumas). Graduada em Pedagogia pelo Instituto Federal de Goiás (IFG). Especialista em Práticas Assertivas da Educação Profissional Integrada à EJA- com Ênfase em Didática pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), especialista em Políticas e Gestão da EPT pelo Instituto Federal de Goiás (IFG) e em Gestão e Coordenação Pedagógica pela Faculdade de Tecnologia e Educação de Goiás (FATEG). Foi membra do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação e Formação de Trabalhadores (NUPFEET/IFG) 2015- 202 e 1. Atualmente é 2022. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2542745290442677>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-7964-6272>. E-mail: vivainers1@gmail.com
- 2 Doutora em Educação pela Universidade Federal de Goiás (UFG) com investigação sobre mulheres, universidade e ditadura militar. Mestre em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) com pesquisa sobre o movimento estudantil goiano durante a ditadura militar. Licenciada e Bacharel em História pela Universidade Federal de Goiás, Câmpus Avançado de Catalão, (UFG-CAC). Atualmente é professora no curso de Pedagogia na Universidade Estadual de Goiás. Participa como representante da cidade de Goiânia do movimento social feminista Promotora Legal Popular e coordenada o Grupo de Estudos em História da Educação na ANPUH – Goiás. Desenvolve pesquisas sobre gênero, história das mulheres, educação, movimentos sociais e ditadura militar no cone sul. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9181380986744349>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4053-6136>. E-mail: keides.vicente@ueg.br

Introdução

O tema da redação do Exame Nacional do Ensino Médio no ano de 2023, “Desafios para o enfrentamento da invisibilidade do trabalho de cuidado realizado pela mulher no Brasil”, mostra-se pujante na perspectiva de um debate histórico com características tensionadas por marcas de gênero, classe e raça.

Posto isto, o presente artigo apresenta dados de institutos de pesquisas, IBGE e IPEA, e da Oxfam, ao que tange a relação de trabalho realizado no país. Para analisa-los buscou-se referenciais da teoria feminista, como Simone de Beauvoir e Silvia Federici. Tal escolha teórica tem como embasamento metodológico o materialismo histórico na discussão das questões relacionadas à discussão de gênero, do papel atribuídos historicamente às mulheres, especialmente sob a perspectiva da sociedade capitalista, da revolução industrial e da sociedade neoliberal.

O não reconhecimento do trabalho de cuidado realizado pelas mulheres com o lar, os filhos, os familiares e sociedade civil no geral, será abordado aqui a partir da perspectiva de análise das autoras, Beauvoir e Federici, que analisam o benefício do capital com a dupla exploração do trabalho. Isto pois, compreende-se que a mulher é o alicerce social e cultural que cria condições para que os homens sejam explorados, ao fazerem por eles o trabalho doméstico, de limpeza, alimentação e cuidado. Assim eles estarão sempre enérgicos para produzir e reproduzir trabalho para o avanço da economia e da acumulação de bens para os donos do capital e para a conservação da desigualdade social

Entre os intelectuais estudiosos contemporâneos de várias áreas das ciências humanas há vários debates sobre o modelo socioeconômico vigente, o capitalismo, compreendido como base fundante da desigualdade social, da divisão da sociedade por classes. No entanto, compreendemos que dentro de uma mesma classe social há outras divisões, as de raça, de sexo e gênero.

Apresenta-se aqui incursões teóricas para compreender a condição da mulher na sociedade de classes tendo como referência as reflexões das pensadoras Beauvoir e Federici.

Inicialmente, a partir das considerações da filósofa Simone de Beauvoir, será analisado a opressão do homem sobre a mulher a partir do surgimento do capitalismo e da propriedade privada. Isto pois, mesmo havendo diferenças biológicas entres os sexos elas não justificam o processo de opressão e exploração. A autora apresenta análises com base no materialismo histórico, avançando a discussão também para o campo da biologia, da psicanálise e da história, o que vai de encontro a proposta marxista, partir de um todo e de categorias de análise para melhor compreender um objeto que está sempre em movimento: a sociedade.

No segundo momento com Silvia Federici será analisada a entrada da mulher no mundo do trabalho assalariado, visto que, como isso não a libertou da opressão, pelo contrário a sobrecarregou com uma jornada dupla de trabalho, em casa e fora dela. O não reconhecimento do trabalho de cuidado, de manutenção e reprodução da vida executado pelas mulheres é o grande achado de Federici, que assim como Beauvoir reconhece o quão grande é a contribuição de Marx com o materialismo histórico enquanto método de análise, mas que nos indicam também os seus limites. Porém de um modo que estende o campo da análise sob novas perspectivas, que só puderam ser pensadas porque o materialismo histórico deu e dá condições para que as discussões avancem.

No terceiro momento serão apresentados dados institutos de pesquisas e organizações com o DIEESE e da Oxfam, sobre as condições das mulheres no mundo do trabalho. Deste modo será possível analisar o contexto estatístico brasileiro da situação das mulheres chefes de família e algumas considerações finais.

Simone de Beauvoir e o materialismo histórico, a biologia, o sexo e a história da opressão das mulheres a partir da sociedade capitalista

Hoje posso acrescentar que a primeira oposição de classes que apareceu na história coincide com o desenvolvimento do antagonismo entre o homem e a mulher, [...] a primeira

opressão de classe coincide com a opressão do sexo feminino pelo masculino (Friederich Engels, 2017).

Segundo Simone de Beauvoir (2016a) a teoria do materialismo histórico traz reflexões fundamentais para um melhor entendimento da sociedade, principalmente porque concebe a humanidade como uma realidade histórica, pois não é passiva diante da natureza agindo sobre ela, a modifica, a transforma e essa ação, a tomada de decisões diante do mundo, é objetiva. Nessa perspectiva a mulher não poderia ser definida apenas por seu aspecto sexual biológico, porque apesar de Beauvoir reconhecer que as diferenças fisiológicas entre homens e mulheres existam, não são elas que constitui o lugar social, de poder ou de opressão e os papéis que homens e mulheres assumem/ocupam na sociedade.

Nesta perspectiva, segundo a autora, a tese marxista é coerente quando afirma que a concretude na vida humana se faz em concordância com as possibilidades e o contexto material que lhe é oferecido, assim como o acesso às técnicas, aos recursos e também aos direitos à que ela tem ou não acesso. No entanto Beauvoir (2016a) deixa claro que não basta buscar esses direitos e fazer com que eles estejam postos para todos, isto é, a universalização dos direitos humanos não garante que haja efetividade dos mesmos igualmente para o sexo masculino e o feminino. Com relação a humanidade “[...] reivindicar para ela todos os direitos, todas as possibilidades do ser humano em geral, não significa que se deva deixar de enxergar sua situação singular” (Beauvoir, 2016a, p. 90).

Neste sentido a filósofa aponta que é importante se atentar às particularidades e pra que isto seja possível é bom se apropriar das contribuições do materialismo histórico, no entanto é preciso avançar a discussão para além dele, de maneira existencial e não reduzir a análise à um único viés que “só vê no homem e na mulher entidades econômicas”, para tanto é fundamental recorrer também a biologia, a filosofia e à psicanálise.

Beauvoir (2016a) se apoiando nos achados históricos da obra *A origem da família, da propriedade privada e do Estado* de Friederich Engels explica que na idade da pedra a divisão do trabalho entre homens e mulheres acontecia sem a exploração de um sobre o outro, havia um caráter de igualdade. Assim, os homens saíam em busca de alimentos através da caça e da pesca enquanto as mulheres se ocupavam do trabalho doméstico, que naquele momento não era limitado aos cuidados com o lar, mas incluía a produção artesanal de vasilhames, tecidos e confecção de outros objetos, isso movimentava a economia além de que a terra era comum a todos da comunidade, não existia a propriedade privada.

Contudo com o advento da descoberta das técnicas agrícolas e com o surgimento da propriedade privada e da escravização de uns homens sobre os outros, as mulheres passam também a ser propriedade dos homens e o trabalho doméstico passa a ser desconsiderado “[...] nisso consiste “a grande derrota histórica do sexo feminino” [...] o trabalho doméstico da mulher desapareceria então ao lado do trabalho produtivo do homem; o segundo era tudo o primeiro um anexo insignificante” (Beauvoir, 2016a, p.85). Assim a família numa perspectiva patriarcal surge, nela há uma opressão do homem sobre a mulher Engels (2017) e Beauvoir (2016a) esclarecem que esse modelo de núcleo familiar aparece juntamente com o início da propriedade privada.

Para Beauvoir (2016a) as diferenças biológicas entre os sexos, o fato de o homem ter uma força muscular maior do que a da mulher por exemplo, são anuladas pelas técnicas produzidas historicamente pelos seres humanos, como os instrumentos e as máquinas que passam a não exigir mais que uma força humana superior, a masculina, seja necessária para usá-las, operá-las.

Diante disto, com a industrialização e o avanço das tecnologias que ela proporcionou surge a possibilidade do trabalho renumerado fora de casa para as mulheres, agora elas também passam a ter direitos o “direito ao trabalho renumerado”, o direito ao voto diante da luta das sufragistas entre alguns outros. Isto pois,

Foi pelo trabalho que a mulher cobriu em grande parte a distância que a separava do homem: só o trabalho pode assegurar-lhe uma liberdade concreta [...] entre o universo e ela não há mais a necessidade de um mediador masculino. [...]

Não se deve, entretanto, acreditar que a simples justaposição do direito de voto a um ofício constitua uma perfeita libertação: Hoje o trabalho não é a liberdade. Somente em um mundo socialista, a mulher atingindo o trabalho, conseguiria a liberdade [...] Por outro lado, a estrutura social não foi profundamente modificada pela evolução da condição feminina; este mundo, que sempre pertenceu aos homens, conserva ainda a forma que eles lhe imprimiram (Beauvoir, 2016b, p. 503-504).

Para a autora só haverá uma emancipação feminina¹ integral, no sentido de liberdade e da não exploração das mulheres em todos os aspectos, quando elas fizerem parte da produção social de fato, construindo-a. Transformando e participando de forma efetiva dela, ocupando e dividindo todos os espaços de forma igualitária, deixando de ser colocadas como a maior e/ou única responsável pelo trabalho doméstico e do cuidado dos seus pares, passando a serem vistas e tendo a vivência humana na sua totalidade e em todos os espaços.

Discutiremos agora um pouco mais sobre estas questões sob a perspectiva teórico-metodológica com a filósofa, escritora italiana e professora emérita da Universidade de Hofstra em Nova York Silvia Federici, que também traz contribuições essenciais para nos ajudar a pensar estas questões, referentes a dupla exploração das mulheres na sociedade capitalista.

Federici e o trabalho doméstico não remunerado, a dupla jornada de trabalho feminina e o seu não reconhecimento como uma das principais bases das forças produtivas do capital

A autora Federici (2021) aponta a urgência de refletir sobre o feminismo e o marxismo, para que isto seja possível é vital que as questões relacionadas à opressão e exploração das minorias², forçadas pelo modelo econômico capitalista como as de raça, de sexo e de gênero, estejam no centro da discussão sobre a luta de classes, pois são de acordo com ela “temas ausentes da obra de Marx”.

Porém a autora comenta que na *Primeira Internacional*³ Marx “denunciou tanto as relações patriarcais quanto o racismo”, no entanto ele não levou estas denúncias para seus escritos, suas obras. As relações de opressão racial, sexual e gênero dos homens sob outras etnias/raças e sob às mulheres não fizeram parte da sistematização de Marx enquanto ele analisou a sociopolítica e economia dentro dos moldes capitalistas.

Federici (2021a) reconhece que as manifestações racistas e machistas são ferramentas utilizadas como dispositivos do capitalismo para sua manutenção e reprodução, tanto quanto para facilitar a colonização. Nessa linha de pensamento, segundo a autora, não é com o trabalho

1 Esclarecemos aqui que quando usamos neste trabalho a palavra feminina ou feminino, não estamos tratando do sentido de performance do que é dito socialmente como feminino, mas da questão de biologicamente ter nascido mulher. E isto é para nos fazermos entender e recortar nosso objeto no sentido de que aqui estamos falando das mulheres cisgênero e suas opressões que são particulares e diferentes de outros grupos que se enquadram na “categoria” gênero.

2 O termo minorias não se refere ao valor quantitativo e/ou numérico, mas faz referências aos grupos sociais que são minoria em representatividade política e de poder, são as pessoas que ocupam os lugares mais desiguais na escala da divisão social de classes.

3 Em 28 de Setembro de 1864 teve lugar uma grande reunião pública internacional de operários no St. Martin's Hall de Londres; nela foi fundada a Associação Internacional dos Trabalhadores (mais tarde conhecida como Primeira Internacional) e eleito um Comitê provisório, que contava Karl Marx entre os seus membros Karl Marx foi de facto o dirigente do Conselho Geral. Foi o seu verdadeiro organizador, o seu chefe, o autor de numerosas mensagens, declarações, resoluções e outros documentos do Conselho. Na Mensagem Inaugural, primeiro documento programático, Marx conduz as massas operárias à ideia da necessidade de tomar o poder político, de fundar um Partido proletário independente e de assegurar a união fraterna entre os operários dos diferentes países. Publicada pela primeira vez em 1864, a Mensagem Inaugural foi muitas vezes reeditada ao longo de toda a história da Primeira Internacional, que deixou de existir em 1876. (MOURRE, 1998)

das mulheres fora de casa, na fábrica junto com os homens, que sua condição de oprimida será findada. Necessita-se que sejam construídas manifestações e mudanças revolucionárias contra esta opressão buscando o fim da base concreta que ela traz consigo.

E um movimento imprescindível para que isto aconteça é luta pela valorização e reconhecimento do trabalho doméstico como o trabalho fundamental da manutenção, da continuidade da existência da vida humana e conseqüentemente da economia, da sociedade. Federici (2021a, p.16) avança com a pergunta “porque, em sua análise do capitalismo Marx ignorou as forças, que reproduzem a vida e a força de trabalho?” Pois um dos instrumentos que faz possível a exploração dos homens no capitalismo se dá através da exploração das mulheres, porque são elas que ao realizarem o serviço doméstico e o de apoio e cuidado com a família que possibilitam que os homens recuperem suas forças perdidas no trabalho.

Deste modo a autora defende a tese que o trabalho doméstico deve ser renumerado, no entanto ela deixa claro que enquanto houver salários haverá o capitalismo, então renumerar o trabalho doméstico não seria a própria revolução, mas sim uma *estratégia revolucionária*, compreender isto é essencial para o avanço da emancipação integral feminina.

O trabalho doméstico realizado pelas mulheres é definido por Silvia Federici (2021a) como *trabalho primordial* para a manutenção da sociedade o que não foi considerado na obra marxista que se dispôs a discutir apenas o trabalho nas fábricas, o trabalho renumerado, a exploração do patrão para com o trabalhador proletário, ignorando a importância do trabalho de reprodução/ produção da vida, que majoritariamente tem sido feito há século pelas mulheres. Mesmo quando elas adentram as paredes das fábricas, das indústrias e dos meios de produção material, pois continuaram e continuam com a função de cuidadoras do lar, da família, dos outros.

Indispensável, no entanto, registrar aqui que Federici (2021a) apresenta em seus críticas com relação às limitações da teoria marxista, se tratando das relações de exploração que se organiza entre os sexos/gênero e entre a dominação de uma raça/etnia sobre outra. A autora não exclui o quanto ela considera fundamental e importantíssima a análise de Marx e Engels sobre a sociedade de classes, e como os dois autores a fizeram de maneira única e peculiar pensando categorias que desvelam esse sistema e a desigualdade socioeconômica gerada por ele. Assim

[...] para além de qualquer afirmação feita por Marx sobre as mulheres, o que conta para as feministas é sua metodologia. Seu método materialismo histórico não apenas nos ajudou a desconstruir as hierarquias e identidades de gênero, como demonstrou que a “natureza humana” é produto da ação social [...] nos deu ferramentas para pensar tanto sobre as formas específicas da exploração à qual as mulheres tem sido submetidas na sociedade capitalista como sobre a relação entre “sexo, raça e classe” (Federici, 2021c, p.63).

E pensando por meio destas ferramentas frutos das contribuições marxista que Federici (2021b) elucida que com a chegada das mulheres nas fábricas, e ao trabalho renumerado, o que foi oferecido à elas foi o direito de um “trabalho mais racionalizado”, “de um nível maior de capacidade”. Porque o trabalho exercido no espaço doméstico nem era tido como um trabalho de impacto social, mas sim um exercício sem valor, e compreendemos que ainda hoje é visto nesta ótica por grande parte da sociedade. O trabalho no lar por não ser formalizado e renumerado permeia no imaginário social como desimportante e promove uma identidade de “inutilidade” da mulher, pois nesta lógica ela é uma “dona de casa”, não contribuindo de modo significativo para com o mundo, porque não gera lucro diretamente.

Como se todo os trabalhos executados por ela no lar, cuidar, limpar, educar e etc... não fossem fundamentais para que seus maridos, seus filhos e outros familiares pudessem estar aptos e com a energia renovada para conseguirem realizar o trabalho (mal) renumerado, isto é, possibilita que eles tenham forças para serem explorados e produzirem/reproduzirem para o capital.

Para a autora

[...] O trabalho doméstico, na verdade, é muito mais que a limpeza da casa. É servir a mão de obra assalariada em termos

físicos, emocionais e sexuais, prepara-la para batalhar dia após dia por um salário. É cuidar das nossas crianças - futura mão de obra-, ajudá-las desde o nascimento e ao longo de seus anos escolares e garantir que elas também atuem da maneira que o capitalismo espera delas. Isso significa que por trás de fábrica, cada escola, cada escritório ou mina, existe o trabalho oculto de milhões de mulheres, que consomem sua vida reproduzindo a vida de quem atua nessas fábricas, escolas, escritórios e minas (Federici, 2021, p. 28-29).

É interessante que esse lugar, esse papel atribuído socialmente a mulher ao mesmo tempo em que renega o valor do trabalho por ela executado em casa, a “valoriza” no sentido de exaltar a mulher que é ordeira que “edifica o seu lar” que cuida incondicionalmente da família, por vocação, por amor, por dom feminino. Especialmente na perspectiva de ideário neoliberal, pautado na religiosidade conservadora cristã, que tem ganhando visibilidade e agenda social e política mundial nos últimos anos. Mas não nos iludamos esse discurso da dedicação ao lar e à família atua como um captador da subjetividade e exploração do trabalho das mulheres.

Para que as mulheres estejam conformadas em estar com a responsabilidade da manutenção do trabalho doméstico, muitas vezes trabalhando fora de casa também, exercendo uma dupla jornada de trabalho e exploração. Além da contínua dominação dos corpos das mulheres

[...] É por isso que, até hoje, tantos nos países “desenvolvidos” como nos “subdesenvolvidos”, o trabalho doméstico e a família são os pilares da produção capitalista. As condições do nosso trabalho variam de país para país. Em alguns, somos forçadas a intensificar a produção de crianças; em outros nos dizem para não reproduzirmos, sobretudo se formos negras ou recebermos auxílio social do Estado, caso contrário, corremos o risco de reproduzir “desajustados” (grifo nosso) (Federici, 2021b, 29-30).

Assim a afirmação de Federici em 1975, nos chama a atenção a palavra “desajustados”, como a análise que ela faz da condição da mulher perante o Estado/sociedade é assertiva e atemporal, exemplo disso é que o ex-vice presidente da república do Brasil, o general Hamilton Mourão, durante as eleições presidenciais em 2018 fez a seguinte afirmação pública:

A partir do momento em que a família é dissociada, surgem os problemas sociais. Atacam eminentemente nas áreas carentes, onde não há pai e avô, é mãe e avó. E, por isso, torna-se realmente uma fábrica de elemento os desajustados que tendem a ingressar nessas narco-quadrilhas (Folha de São Paulo, 2018).

Com essa fala o ex-vice presidente ratifica que o papel da mulher só é assumido de “maneira adequada” na criação das crianças se ela está “amparada” num relacionamento com um homem. Ou seja, embora ela assume as responsabilidades do cuidado e da educação dos filhos de maneira solo, muitas vezes mesmo quando é casada, o seu trabalho não é reconhecido, e mais é desmerecido, desqualificado, deslegitimado, portanto seus filhos estarão num lugar de desajuste da sociedade por não serem “produtos” do modelo da família nuclear imposto pelo tipo ideal familiar capitalista neoliberal.

Em resposta à fala preconceituosa e reprodutora de misoginia do vice presidente Erika Puppim (2018) que é promotora de Justiça do Ministério Público do Rio de Janeiro e integrante do *Coletivo Transforma MP* pontua rigorosamente toda a problemática da fala de Mourão, vejamos

Porque ao invés de colocar a culpa sempre na figura materna, não se responsabiliza quem deveria ter assumido seu dever -- o pai ausente? A cultura patriarcal continua enxergando o filho como sendo exclusivamente da mãe[...] A mãe que para sustentar sua família, precisa sair às 6h, pegar 2 ou 3 conduções, passar em média 4 horas no trânsito por dia, e chega à noite em casa, tendo que cuidar da comida, da roupa e da casa, com auxílio de sua própria mãe idosa é “incapaz” de educar seus filhos? [...] Para além da responsabilidade paterna, vamos falar da responsabilidade estatal. [...] A cultura machista do abandono paterno, a omissão sistemática estatal e o preconceito contra adolescentes pretos, pobres e favelados, ainda mais se já tiverem o estigma de infrator é que precisam ser debatidos publicamente na sociedade brasileira, onde as famílias compostas por mães e seus filhos já chegam a 11,6 milhões. [...] não é mais possível admitir a culpabilização das mulheres mães, que precisam arcar sozinhas com a omissão dos pais ausentes, do Estado negligente e da sociedade preconceituosa (Puppim, 2018).

A fala da promotora Puppim (2018) nos convida a refletir sobre a responsabilidade do Estado, dos homens e da sociedade civil para que a opressão, a misoginia, o preconceito sofrido pelas mulheres sejam combatidos, pois é algo real, há sim a dominação das classes dominantes que detêm os meios de produção e o capital sobre os mais pobres, precarizados e desprovidos economicamente. No entanto precisamos compreender que dentro de uma mesma classe, a proletarizada, por exemplo, temos ainda o que chamaríamos aqui de “sub opressão”, sofrida por mulheres mães, pobres e negras. Isso não pode ser negado, os dados, os índices e as reflexões de estudiosos e organizações sociais estão nos alertando para isso.

Alguns dados: o que eles nos falam sobre as questões de opressão sofrida pelas mulheres

Quando buscamos dados estatísticos o Instituto de Econômica Aplicada (IPEA, 2017) nos mostra os seguintes percentuais: que 40% dos lares brasileiros já eram chefiados por mulheres em 2015, isto é, elas eram a única ou principal responsável pelo sustento e pelas responsabilidades com suas famílias e dentro deste número 66% delas se declaravam solteiras.

Nesta esteira de avaliações no que se refere a força de trabalho no país o DIEESE (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos) publicou em março de 2023 o Boletim Especial 8 de março dados sobre as dificuldades das mulheres chefes de família no mercado de trabalho. Assim segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (PnadC), realizada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), para o 3º trimestre de 2022, 44,0% eram mulheres. Sendo que elas no mesmo período representam o maior número entre os desempregados, no total de 55,5%. Os números ressaltam a participação feminina nas relações de liderança/ responsabilidade econômica em agrupamentos familiares, assim do 75 milhões de lares no país, 50,8% tinham liderança feminina, o correspondente a 38,1 milhões de famílias. Já as famílias com chefia masculina somaram 36,9 milhões.

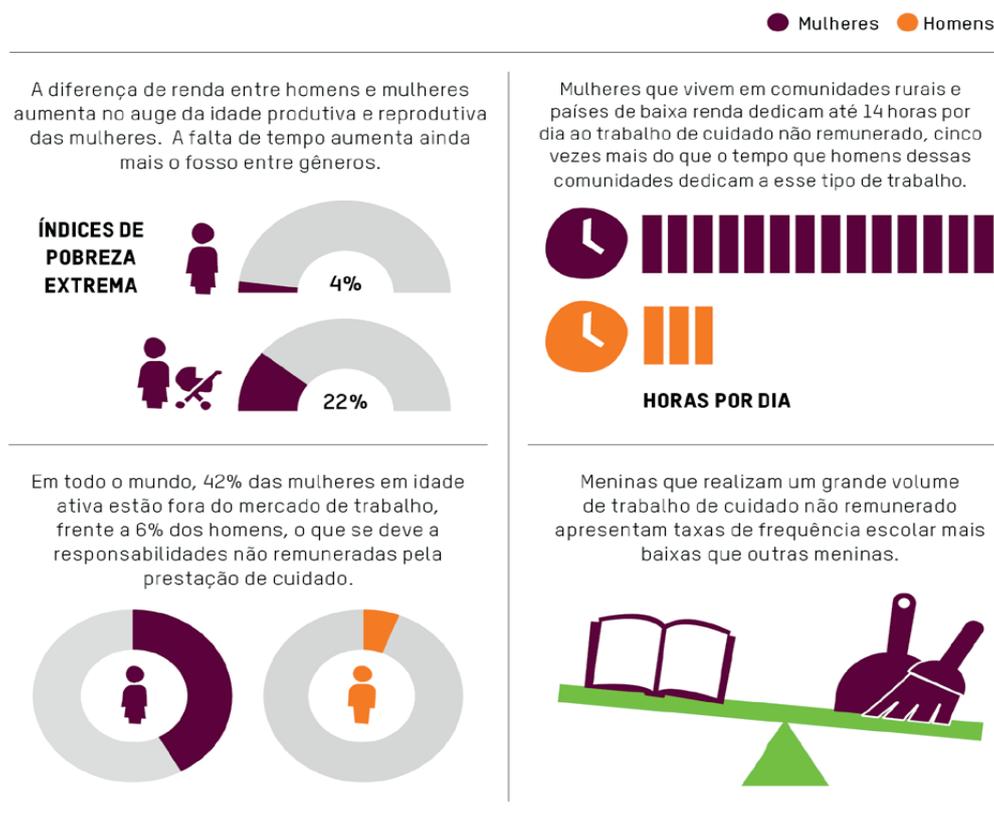
O que nos permite refletir que é uma grande quantidade de mulheres que financiam suas casas, estão também a trabalhar fora do lar, são assalariadas, no entanto

[...]Conseguir um emprego assalariado nunca nos liberou do trabalho doméstico. Ter dois empregos só significou contar com menos tempo e energia para a luta. Além disso, trabalhando em período integral dentro ou fora de casa, casadas ou solteiras, temos de dedicar horas de trabalho na reprodução da nossa força de trabalho – e conhecemos

a tirania dessa tarefa, já que um vestido bonito e um belo penteado são condições para conseguir um emprego, seja no mercado de casamentos, seja no mercado do trabalho assalariado. (FEDERICI, 2021b, p.29-30)

A Oxfam (2020, p.11) é uma confederação com mais de 3000 parceiros e 19 organizações, e busca soluções para o problema da pobreza, desigualdade e da injustiça, por meio de campanhas, programas de desenvolvimento e ações emergenciais. Segundo os dados apresentados sobre o mundo do trabalho, verifica-se que as mulheres ganham menos que os homens, mesmo quando por exemplo no Brasil elas tem um maior nível de escolaridade do que eles sua renda é inferior. E sofrem com maiores índices de desemprego e precarização no trabalho.

Figura 1. A pesada e desigual responsabilidade pelo trabalho de cuidado não remunerado recai sobre mulheres e meninas



Fonte: OXFAM (2020).

A figura acima é bem clara não há prerrogativa para negativa desses fatos, há uma desigualdade entre homens e mulheres tanto com relação ao trabalho formal quanto ao informal, o remunerado e o não remunerado. As mulheres trabalham mais que os homens, mesmo quando estão desempregadas formalmente, pois estão em constante cuidado com a família, o lar, inclusive o próprio fato de gestar uma criança é um trabalho exaustivo. O trabalho da reprodução humana e manutenção desta vida que chega ao mundo quase que majoritariamente total responsabilidade da mulher mãe, e/ou de outras mulheres que dividem esse cuidado, mães, avós, tias, irmãs, babás e as trabalhadoras da educação infantil que também na sua maioria são mulheres. Em raras ocasiões o genitor, ou outros homens participam de forma efetiva na divisão igualitária desse cuidado.

Federici (2021b) afirma que a mulheres ganharam com a chegada às fabricas foi a maior quantidade e de horas trabalhadas, e assim de exploração. E, além disso, a exigência de que mesmo diante dessa dupla exploração do trabalho ainda é imposto padrões, seja nas vestimentas, no modo social e cultural de ser e no tipo de corpo que se deve ter. Que tudo isso esteja a serviço dos padrões estéticos estabelecidos pela sociedade capitalista neoliberal.

Tudo isso só mostra como o método materialismo histórico contribui no sentido de entender a opressão de certos grupos da sociedade sobre outros, mesmo quando eles são pertencentes a uma mesma classe social, por exemplo, uma mulher, pobre e negra será mais oprimida do que um homem branco pobre. Por isso ela pondera sobre a importância de renumerar o trabalho das mulheres que estão exercendo o serviço em seus lares.

Algumas considerações

Diante do que foi discutido neste trabalho, tendo como base o materialismo histórico como método analítico e como uma ferramenta rica e significativa para uma melhor compreensão das relações entre os sexos compreende-se que ao considerar a realidade concreta, a ação do ser humano e o que é construído social e culturalmente por ele, impacta diretamente no modo de vida da sociedade em todos os aspectos da vida. Especialmente no econômico em que suas nuances permitem e alimentam a engrenagem da desigualdade entre as classes, os sexos e as raças.

Através da perspectiva teórica discutidas pelas autoras e dos dados apresentados verifica-se que há uma organização de poder em várias esferas, política, estatal, familiar, que dita as regras, os privilégios, as opressões, e com isso busca uma permanência de exploração para a manutenção de privilégios. Mas compreender todo este processo também possibilita que um dia a emancipação e a libertação dos sujeitos e um mundo fraterno e de fato igualitário seja possível. Sabemos que é um caminho longo a percorrer, mas talvez, já estejamos mesmo que a curtos passos, avançando.

Referências

- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo, fatos e mitos**. v.1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016a.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo, a experiência vivida**. v.2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016b.
- DIEESE. **Boletim Extraordinário 23 de Março de 2021**. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/boletimespecial/2023/mulheres2023.pdf> Acesso em: 20 jul. 2023.
- ENGELS, Friederich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. São Paulo: La Fonte, 2017.
- FEDERICI, Silvia. Notas de Introdução. *In*: FEDERICI, Silvia. **O patriarcado do salário: notas sobre Marx, Gênero e Feminismo**. v.1. p.15-21. São Paulo: Boitempo, 2021a.
- FEDERICI, Silvia. **Planejamento contraestratégico na cozinha (1975)**. *In*: FEDERICI, Silvia. **O patriarcado do salário: notas sobre Marx, Gênero e Feminismo**. v.1.p. 24-45 São Paulo: Boitempo, 2021b.
- FEDERICI, Silvia. Gênero, em O Capital de Marx. (1975). *In*: FEDERICI, Silvia. **O patriarcado do salário: notas sobre Marx, Gênero e Feminismo**. v.1. p. 61-85. São Paulo: Boitempo, 2021c.
- FOLHA DE SÃO PAULO. **Casa só com 'mãe e avó' é 'fábrica de desajustados' para tráfico, diz Mourão**: Vice de Bolsonaro diz que Brasil errou ao aliar-se à 'mulambada' na África e América Latina. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/09/casa-so-com-mae-e-avo-e-fabrica-de-desajustados-para-trafico-diz-mourao.shtml> . Acesso em 10 ago. 2022.
- IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça**. Indicadores: Chefia de família. Brasília, 2017. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/retrato/indicadores_chefia_familia.html . Acesso em: 4 ago. 2022.

MOURRE, Michel. **Dicionário de História Universal**. v.II. p.694. ASA: Porto,1998.

OXFAM. **Tempo de cuidar**: O trabalho de cuidado não remunerado e mal pago e a crise global da desigualdade. Disponível em: https://www.oxfam.org.br/wp-content/uploads/2021/04/1579272776200120_Tempo_de_Cuidar_PT-BR_sumario_executivo.pdf
Acesso em: 20 jul. 2022.

PUPPIM, Erika. **Mourão e a culpabilização materna – negra, pobre e favelada**. São Paulo: Brasil de Fato, 2018. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/09/19/artigo-or-mourao-e-a-culpabilizacao-materna-negra-pobre-e-favelada> . Acesso em: 03 ago. 2022.

Recebido em 05 de junho de 2023.

Aceito em 11 de agosto de 2023.